

Elydio dos Santos Neto

**HENRIQUE MAGALHÃES
E A EDITORIA DE QUADRINHOS
POÉTICO-FILOSÓFICOS**



Elydio dos Santos Neto

HENRIQUE MAGALHÃES E A EDITORIA DE QUADRINHOS POÉTICO-FILOSÓFICOS



Marca de Fantasia
Parahyba, 2023 - 2a edição

HENRIQUE MAGALHÃES E A EDITORIA DE QUADRINHOS POÉTICO-FILOSÓFICOS

Elydio dos Santos Neto

Série Quadrinhos poético-filosóficos, 8.
2023. 2a edição. 56p.



MARCA DE FANTASIA

Rua João Bosco dos Santos, 50, apto. 903A
Parahyba (João Pessoa), PB. Brasil. 58046-033
marcadedefantasia@gmail.com
<https://www.marcadedefantasia.com>

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia, CNPJ 09193756/0001-79 e um projeto de extensão do NAMID - Núcleo de Artes e Mídias Digitais, do Departamento de Mídias Digitais da UFPB

Editor/designer: Henrique Magalhães

Ilustração das capas: Gazy Andraus (frente); “Manufatura”, por HM (final)

Conselho editorial

Adriana Amaral - Unisinos, RS	Marcelo Bolshaw - UFRN
Adriano de León - UFPB	Marcos Nicolau - UFPB
Alberto Pessoa - UFPB	Marina Magalhães - UFAM
Edgar Franco - UFG	Nílton Milanez - UESB
Edgard Guimarães - ITA/SP	Paulo Ramos - UNIFESP
Gazy Andraus - FAV-UFG	Paulo Vieira - UFPB
Heraldo Aparecido Silva - UFPI	Roberto Elísio dos Santos - USCS/SP
José Domingos - UEPB	Waldomiro Vergueiro - USP

O texto deste livro faz parte do Relatório Final de Pesquisa de Pós-Doutoramento intitulado “As histórias em quadrinhos poético-filosóficas no Brasil: origem e estudo dos principais autores numa perspectiva das interfaces educação, arte e comunicação”, realizado em 2010 no Instituto de Artes–SP da UNESP, sob supervisão do Prof. Dr. João Cardoso Palma Filho.

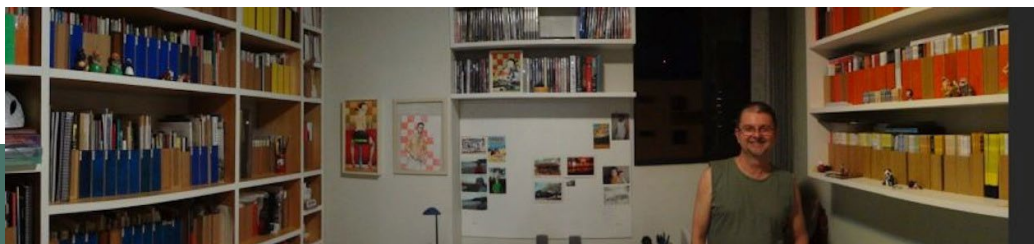
Imagens usadas exclusivamente para estudo de acordo com o artigo 46 da lei 9610, sendo garantida a propriedade das mesmas a seus criadores ou detentores de direitos autorais.

ISBN 978-65-86031-86-7

Vale a pena sua entrega apaixonada ao trabalho
como editor, desenhista, professor e pesquisador?

É o que me torna vivo.

Henrique Magalhães



Henrique Magalhães em seu ateliê editorial. Foto de André Zahar, 2012

Sumário

Apresentação	6
Introdução	9
1. Henrique Magalhães e sua constituição como editor	12
2. Uma opção filosófica e editorial: resistência cultural e produção independente	19
3. A editoria vanguardeira de quadrinhos poético-filosóficos	24
4. Reflexões conclusivas... Vanguarda e independência nas fronteiras entre comunicação, educação e arte	31
Referências	34
Apêndice. Entrevista com o editor, da editora Marca de Fantasia, Henrique Magalhães (01.07.2009)	36



Henrique Magalhães e Elydio dos Santos Neto no ateliê da Marca de Fantasia, 2007

Apresentação

Elydio dos Santos Neto foi um cometa luminoso e incrível que passou por nossas vidas e pelo quadrinho poético-filosófico brasileiro. Convivemos com Elydio por pouco mais que sete anos, e nesse tempo ele encantou-se com a força e unicidade do gênero poético-filosófico de quadrinhos, compreendeu como quase ninguém a densidade e importância dessa manifestação expressiva das artes sequenciais e percebeu tratar-se de um fenômeno originalmente brasileiro.

Seu entusiasmo por nossos quadrinhos levou-nos a desenvolver uma amizade muito profunda em um período tão curto de tempo, estivemos juntos em muitos eventos acadêmicos de quadrinhos, participamos juntos de bancas de defesa de mestrado e doutorado, frequentamos as casas uns dos outros e passamos horas incríveis falando sobre arte, ser humano, educação, busca da integralidade de ser, transcendência, e também criando quadrinhos e fanzines.

A empolgação de Elydio com nossos quadrinhos experimentais, que nasceram nos fanzines, fez também com que ele compreendesse a força desses veículos expressivos paratópicos e criasse o conceito de Biograficzi-ne, o desenvolvimento de fanzines autobiográficos como método educacional de busca de autoconhecimento e autocura, que aplicou inicialmente junto com Andraus para os cursos de Pós-Graduação em Pedagogia e Educação da UMESP-SBC. Uma compreensão profunda dos processos criativos como forças fundamentais rumo ao equilíbrio interior.

O amor por esses temas culminou na realização de seu Pós-Doutorado em Artes na Unesp intitulado *As Histórias em Quadrinhos poético-filosóficas no Brasil: contextualização histórica e estudo das interfaces educação, arte e comunicação* (2010). Nessa pesquisa seminal investigou o nascimento do gênero poético-filosófico de quadrinhos, analisou a obra de alguns de seus quadrinhistas pioneiros e também de um personagem fundamental na história desse gênero, o quadrinhista, pesquisador e editor Henrique Magalhães, criador da lendária editora Marca de Fantasia.

O destino quis que Elydio e Henrique se encontrassem, quando o primeiro passou em um concurso para professor na Universidade Federal da Paraíba – mesma universidade de Henrique – e foi morar em João Pessoa. Henrique convidou-o a integrar seu grupo de pesquisa sobre quadrinhos na UFPB e, dentre muitos projetos instigantes, criaram a série de livros “Quadrinhos Poético-filosóficos” para a editora Marca de Fantasia, objetivando publicar ensaios que enfoquem aspectos desse gênero peculiar. Dentre eles editar alguns volumes tendo como base a pesquisa de pós-doutorado de Elydio.

Tivemos a sorte da Marca de Fantasia lançar os livros sobre nossas obras, com Elydio ainda entre nós, podendo vivenciarmos alegremente os lançamentos dos volumes juntos dele. Assim foram lançados: *Os quadrinhos poético-filosóficos de Edgar Franco: textos, HQs e entrevistas* (2012), e *Os quadrinhos poético-filosóficos de Gazy Andraus: 25 anos de quadrinhos e fanzinato* (2013).

Elydio tornou-se encantado em 2013, mas sua marca seminal e fundamental como pesquisador da HQ poético-filosófica eternizou-se. Entre os projetos importantes que ficaram no prelo está esta obra que você tem em mãos agora, um ensaio importantíssimo sobre o papel

fundamental de Henrique Magalhães como incentivador e disseminador do quadrinho poético-filosófico no Brasil, sendo o criador da primeira revista completamente dedicada a esse gênero de quadrinhos, a *Tyli-Tyli/Mandala*, e também o editor de vários álbuns de quadrinhistas do gênero e da revista anual *Artlectos & Pós-humanos* – essa última dedicada aos quadrinhos de Edgar Franco e ainda sendo publicada. Nesse ensaio Elydio desvela a função de editor visionário de Henrique e de sua editora iconoclasta e pioneira Marca de Fantasia, apresentando-nos mais uma obra fundamental para aqueles que querem compreender o surgimento e a consolidação da HQ poético-filosófica no Brasil.

Edgar Franco & Gazy Andraus

Fevereiro/março de 2017

Introdução¹

Embora Henrique Magalhães não tenha tido influência nos processos criativos dos artistas que criaram as histórias em quadrinhos poético-filosóficas, ele tem uma importância muito grande ao acolher, por meio da editora Marca de Fantasia, estes autores que até então tinham suas publicações feitas em fanzines, em boa parte das vezes sendo eles próprios os editores. Henrique Magalhães, como editor externo ao grupo que criava esta abordagem, será a pessoa que possibilitará o primeiro reconhecimento², mais expressivo e de peso editorial, para aquela produção ainda em estágios iniciais, porém já consistente, por meio da revista *Tyli-Tyli*³. Gazy Andraus (1997, p. 81), em artigo sobre a revista *Tyli-Tyli*, afirma:

1. Trabalho apresentado no NP Produção Editorial do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2. Até o momento tudo indica que Henrique Magalhães foi o primeiro editor, no Brasil, a publicar uma revista própria para os quadrinhos poético-filosóficos, embora outros editores também tenham ajudado a trazer à luz esta abordagem. De fato, Calazans, um dos primeiros artistas de quadrinhos poético-filosóficos que Henrique Magalhães conheceu, já tinha trabalhos publicados, como editor de fanzines (e, portanto, com auto-publicação), antes de 1995, ano do primeiro número da revista *Tyli-Tyli*: o primeiro número do fanzine *Barata*, com a liderança de Calazans, saiu em 1979; *Cadernos de Calazans* foi editado, pelo próprio autor, em 1984; *Guerra das Idéias* teve sua primeira edição em fevereiro de 1987, pela Quadrix Extra, de São Paulo. Edgar Guimarães, outro importante editor do campo dos independentes, auxiliou, como editor, a publicação do álbum *Homo Eternus*, em quatro volumes, de Gazy Andraus. Esta publicação data do ano 1994, mas é realizada sob a forma de fanzine e com o recurso da xerocópia, em sulfite A4 dobrado ao meio.

3. A revista *Tyli-Tyli* foi lançada em fevereiro de 1995 com periodicidade trimestral. Dedicada exclusivamente aos quadrinhos poético-filosóficos, reunia inicialmente os trabalhos de Flávio Calazans, Edgar Franco e Gazy Andraus. *Tyli-Tyli* é o nome de uma das personagens de Calazans, a que homenageia.

(...) o *fanzine* é uma publicação que circula com matérias jornalísticas, artigos, entrevistas, etc. Já uma *revista alternativa* traz em seu bojo as produções artísticas como as HQs, ilustrações, contos etc.

E é nessa segunda classificação que encontramos *Tyli-Tyli*. Se já houve no Brasil, alguma revista de histórias em quadrinhos de temática adulta, na classificação da área de filosofia, esoterismo ou anarquismo, antes da *Tyli-Tyli*, ela jamais foi registrada na memória (ou nos anais da nossa história).

Este trabalho “resgata” então de um possível futuro, um registro importante desta, que se não é a única revista impressa no gênero neste país (quicá no mundo?), é pelo menos a primeira que tem a coragem de se apresentar como uma revista “não só independente, mas também comercial (...)” (como diz seu editor, Henrique Magalhães).

Henrique Magalhães é importante também porque, como editor, abriu o debate sobre os quadrinhos poético-filosóficos no interior de *Tyli-Tyli*, depois *Mandala*⁴. Ele próprio participará deste debate, na condição de estudioso e pesquisador, escrevendo sobre o tema e procurando identificar suas características e seu potencial inovador (MAGALHÃES, 1995; 2000; 2001a; 2001b).

Finalmente, Henrique Magalhães pode contribuir de forma significativa porque seu papel de editor foi alimentado por outros aspectos de sua rica identidade profissional e pessoal: o desenhista de tiras diárias, o criador de personagens de humor gráfico, o fanzineiro, o professor

4. A revista *Tyli-Tyli* posteriormente, a partir do número 9, passou a chamar-se *Mandala*. Segundo Henrique Magalhães “com o afluxo de novos autores e diversidade de expressão, a revista deslocou-se de sua inspiração original vinculada à obra de Calazans e mudou de nome para *Mandala*, tornando-se mais abrangente” (MAGALHÃES, 2004, p. 57-58).

de comunicação, o pesquisador acadêmico e o ativista que trabalha numa perspectiva de resistência cultural. Todos estes aspectos estão presentes no trabalho do editor que, libertando-se de várias e pesadas amarras do mercado editorial comercial tradicional, identifica novos valores no campo das histórias em quadrinhos e dispõe-se, de forma vanguardista, a publicá-las com a consciência de estar trazendo uma criação autoral com condições de contribuir para a construção de uma cultura com maior capacidade de resistência, liberdade e autonomia.

Henrique Magalhães e sua constituição como editor

Henrique Paiva de Magalhães nasceu em João Pessoa, Paraíba, em 17 de agosto de 1957, filho de Ulrico José de Magalhães e de Maria Darcy Paiva de Magalhães. É o primeiro de uma família de seis filhos. Como ele mesmo diz, tiveram uma vida simples “com as dificuldades de uma família de classe média mal remunerada”⁵. Sua mãe trabalhava em casa como costureira para complementar o salário de seu pai que tinha o emprego de agente fiscal do Estado, trabalho este que sofreu grande



desvalorização salarial após o golpe militar de 1964. Apesar das dificuldades familiares teve a sustentação e o cuidado necessários para alcançar a outro patamar intelectual, profissional e econômico.

Figura 1. Henrique Magalhães em fotografia de apresentação de seu Currículo Lattes

5. Henrique Magalhães em entrevista a mim concedida, por e-mail, em julho de 2009, na qual respondeu a um roteiro de 41 perguntas e que consta do material de pesquisa recolhido para o meu trabalho de pós-doutoramento.

Desde criança apresentou gosto pelo desenho. Na infância e na adolescência este gosto se manifestava na colorização de revistas e na cópia que fazia de figuras, desenhando-as em grandes cartazes e murais. Aprendeu a desenhar de forma autodidata: lendo, observando, copiando e recebendo o apoio de seus pais.

Na longa entrevista a mim concedida ele mesmo explicita como percebeu sua inclinação para as tiras cômicas de conteúdo crítico e político:

Com 15, 16 anos comecei a ensaiar a criação de meus próprios quadrinhos, quando descobri as tiras cômicas diárias de conteúdo crítico e político. Ao ler *Hagar*, de Dik Browne, *Frank & Ernest*, de Thaves, *B.C.*, de Johnny Hart, *Mãe*, de Mell Lazarus, *O Mago de Id*, de Brant Parker e Johnny Hart, *Peanuts*, de Charles Schulz, vi que esse era o caminho que queria seguir. O desenho cômico casava com minhas limitações de desenhistas e o conteúdo crítico calhava com as inquietações da adolescência. Em seguida conheci as tiras brasileiras, cheias de contestação ao regime político e moldado sobre a crítica social. Ao lado da argentina *Mafalda*, de Quino, foi Henfil, com *Zeferino*, que mais me influenciou na formatação de meus quadrinhos (MAGALHÃES, 2009, p. 1-2).

Em 1975 criou a personagem *Maria*, que identifica como seu *alter ego* (MAGALHÃES, 2009, p. 3). Em 2005, por ocasião da comemoração dos 30 anos de criação da personagem publicou o trabalho *Maria, espirituosa...há 30 anos* (MAGALHÃES, 2005b), no qual afirma o seguinte (p. 7):

Maria surgiu no bojo da cultura alternativa, cultura de resistência a um contexto político de exceção. Sua fonte de inspiração não poderia ser outra que a efervescência política e social do país, daí o caráter político, semelhante à charge, no início de sua criação. As primeiras tiras da personagem foram desenhadas em 1975, num dos períodos

mais obscuros da ditadura militar, e traziam não só o grito contra o cerceamento político e intelectual, mas também a crítica às desigualdades sociais e aos costumes conservadores arraigados.

De uma solteirona contumaz, Maria passou logo à contestação, inspirada pelo clima satírico do jornal *O Pasquim* e dos quadrinhos de Henfil. Foi a fase explosiva da personagem, com centenas de tiras publicadas nos jornais paraibanos, o momento de sua afirmação contra uma situação política intolerável.

Entre 1981 e 1983 cursou Comunicação Social na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e escreveu o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado *A incrível história dos quadrinhos: 20 anos de quadrinhos da Paraíba*⁶.



Figura 2. Tiras de *Maria*, personagem criada em 1975 por Henrique Magalhães

6. Conferir Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9876023654860446>

Entre os anos de 1986 e 1990 realizou o seu Mestrado em Ciências da Comunicação, na Universidade de São Paulo (USP), tendo defendido a dissertação *Os fanzines brasileiros de Histórias em Quadrinhos: espaço crítico dos quadrinhos brasileiros*⁷, com bolsa CAPES, sob orientação do Prof. Dr. Antonio Luiz Cagnin. No ano de 1985 prestou concurso para professor na UFPB e ingressou, em 1986, como professor de Jornalismo do Departamento de Comunicação.

Realizou os estudos doutorais entre os anos de 1991 e 1993, na Université Paris VII (Université Denis Diderot), obtendo o título de Doutor em Sociologia, em 1996, sob orientação do Prof. Dr. Jean Duvignaud, com a tese intitulada *Les fanzines de bande dessinée: rénovation culturelle et presse alternative*.

Em 1993 publicou, na importante *Coleção Primeiros Passos* da editora Brasiliense, o livro *O que é Fanzine*, que tomou por base os estudos que realizou em seu mestrado na USP, considerando também o que vinha estudando em seu doutoramento em Paris VII.

O trabalho como editor começa a aparecer de modo mais forte na metade da década de 1980 quando além de trabalhar com as tiras de *Maria* se envolve com a produção de fanzines, ao mesmo tempo em que realiza os estudos de mestrado e, mais tarde um pouco, os de doutorado. O editor nasce, portanto, complexamente vinculado a outros aspectos de sua atividade criativa e profissional. De fato, afirma Henrique Magalhães (MAGALHÃES, 2009, p. 4):

7. Em 2003 publicou o trabalho *O rebuliço apaixonante dos fanzines*, pela editora Marca de Fantasia, baseado em sua dissertação de mestrado, que se ocupou da produção dos fanzines entre os anos 1965 e 1990. Em 2004 publicou, também pela Marca de Fantasia, o livro *A nova onda dos fanzines* (2004), que atualiza a pesquisa do mestrado centrando seu foco entre os anos 1990 e início dos anos 2000.

Na segunda metade da década de 1980 lancei seis edições do fanzine *Marca de Fantasia* e no início dos anos 1990, oito edições de *Nhô-Quim*. Ainda nos anos 1980, já como professor do Curso de Comunicação Social da UFPB, lancei com alguns alunos a revista *Se Toque*, de divulgação e crítica cultural de João Pessoa. A *Se Toque*, que era semanal, foi meu maior laboratório editorial, onde eu fazia de tudo, da coleta de informações à redação, da diagramação à venda de anúncios e distribuição.

Após o Doutorado em Paris e as descobertas com o meio editorial independente francês, resolvi colocar essa experiência a favor dos quadrinhos, criando o projeto da editora *Marca de Fantasia*, em 1995.

É importante lembrar também que Henrique Magalhães criou em João Pessoa, no ano de 1990, a Gibiteca Henfil, inicialmente como um projeto de extensão do Departamento de Comunicação da UFPB. Constituída a partir do seu próprio acervo, especializada em quadrinhos e publicações alternativas, funcionou durante muitos anos no Espaço Cultural José Lins do Rego. No início dos anos 2000 foi transferida para a UFPB e, hoje, está sendo re-estruturada para ser integrada ao Mestrado em Comunicação daquela universidade, assim como a Editora *Marca de Fantasia*⁸ (MAGALHÃES, 2009).

8. Sobre a editora *Marca de Fantasia* conferir interessante trabalho de Gazy Andraus: *Editora Marca de Fantasia: disseminação alternativa do universo artístico e crítico da linguagem das histórias em quadrinhos* (2005). Nota do editor: Em 2015 a Gibiteca Henfil volta ao Espaço Cultural José Lins do Rego como atividade dessa Fundação e da Associação *Marca de Fantasia*.



Figura 3.
Primeiro logotipo da editora
Marca de Fantasia

Como docente-pesquisador atua, neste momento, no Mestrado em Comunicação da UFPB⁹, Área de Concentração *Comunicação e Culturas Midiáticas*, na linha de pesquisa *Mídia e Cotidiano*. Seus interesses de pesquisa são: as tiras diárias de histórias em quadrinhos, os quadrinhos *underground*, as editoras independentes e a história dos quadrinhos paraibanos (MAGALHÃES, 2009, p. 9).

Julgo importante destacar o lugar da França no processo formativo de Henrique Magalhães, como artista, professor, pesquisador e editor, profundamente preocupado com nossa realidade brasileira. Em suas próprias palavras:

A França teve importância pra mim por uma questão cultural. Venho de uma geração que lutava contra o imperialismo americano, e a Europa era nosso contraponto. Por outro lado, a tradição dos quadrinhos franceses com suas obras densas e autorais me chamava mais a atenção na juventude que os quadrinhos enlatados dos grandes estúdios dos Estados Unidos. Por último, os fanzines franceses viviam uma fase efervescente na década de 1990, com publicações excepcionais, muitas vezes melhores que as publicações do mercado.

9. Nota do editor: Henrique Magalhães permaneceu no Programa de Pós-Graduação em Comunicação até 2017, ano em que se aposentou.

Em Paris pude observar a transformação dessa produção de boletins amadores a publicações semiprofissionais. Alguns editores já tinham, inclusive, chegado ao mercado, outros preferiam manter-se na seara das produções associativas e independentes. Isto me inspirou a criação da editora Marca de Fantasia nos moldes do que começava a acontecer em várias partes do mundo, com uma visão alternativa, mas qualidade profissional (MAGALHÃES, 2009, p. 8).

Criar uma editora “com uma visão alternativa, mas qualidade profissional” como já se fazia em outras partes do mundo. Este era o projeto de Henrique Magalhães. Projeto para o qual se preparou pelo trabalho artístico, pela pesquisa, pela docência e pela criação fanzineira. Tal preparação terá sido importante caminho de construção para a opção editorial que assumiu.

Uma opção filosófica e editorial: resistência cultural e produção independente

Algo que me chama atenção no trabalho editorial de Henrique Magalhães é a sua preocupação com a luta política, a criação e resistência culturais. Resistência que se caracteriza pela luta em favor das minorias, em favor dos novos autores, contra a “indiferença da indústria cultural” relativamente a uma produção mais elaborada e crítica; luta que valoriza os estudos sobre a cultura popular, ao mesmo tempo em que está atenta à produção acadêmica, de trabalhos de conclusão de curso na graduação a dissertações e teses de doutorado, passando pelos projetos de pesquisas de diferentes programas. Henrique Magalhães explicita esta postura relacionando-a, também a seu processo formativo com os quadrinhos:

Minha formação deve muito às Histórias em Quadrinhos, com suas histórias altruístas, com seu rigor ético. A justiça invariavelmente era feita, sem muitas possibilidades para um relativismo moral. Isso era uma época, anos 1960, início dos anos 1970. Hoje a realidade é outra, mas talvez não devêssemos ter abandonado de todo esse maniqueísmo. Hoje há uma inversão perigosa, onde o vilão cínico e cruel seduz de forma mórbida o gosto da juventude. Se não, como explicar a acolhida glamourosa do patológico *Coringa*, muito mais que a já grotesca figura de *Batman*?

Talvez os jovens encontrem nessa identificação com as forças sinistras uma forma de catarse, num mundo onde o horror se mostra todo dia de forma realista nos telejornais. Devido à época, minha formação teve o caráter de resistência política e cultural. Resistência à ditadura militar e identificação com os movimentos de contracultura. Posteriormente, militância no movimento gay e outras minorias, e resistência à indiferença da indústria cultural, em particular ao mercado de quadrinhos.

(...) também criei, na década de 1990, uma série de tiras de temática homossexual chamada *Macambira e sua gente*, onde me coloco como o personagem *Rico*. Dessa forma, pude me mostrar em um momento de maturidade, com outra perspectiva de humor, sem a contingência da denúncia do estado crítico social (MAGALHÃES, 2009, p. 2-3).

Não se assume uma postura de vanguarda se não existir na pessoa que a toma um fundamento ético-filosófico que lhe dê sustentação. No caso de Henrique Magalhães é sua formação, durante a ditadura militar, feita como “resistência política e cultural”, que lhe possibilitou, ao que tudo indica, apurar tal fundamento. A visão de mundo que deste fundamento ético-filosófico brota, pede, também, que se supere aquilo que Paulo Freire chama de “medo da liberdade” (FREIRE, 1982, p. 34), ou dito de outra maneira, é preciso coragem para levar à frente as ações que a visão de mundo, que se faz de resistência política e cultural, sugere. Seguir assim é caminhar em direção à autoria e à autonomia. Parece ser esta uma marca importante da opção filosófica e editorial de Henrique Magalhães.



Figura 4. Macambira e sua gente, personagens de Henrique Magalhães (2008) com temática homossexual

Quando indagado por mim sobre a filosofia da editora Marca de Fantasia¹⁰ e sua relação com o impulso de independência dos fanzines, Henrique Magalhães assim respondeu:

O princípio da editora era valorização dos quadrinhos brasileiros, a experimentação e a difusão do trabalho dos novos autores. Dessa forma eu imaginava abarcar todo o universo da produção de quadrinhos. O projeto continua o mesmo, com ampliações. A edição de ensaios sobre quadrinhos e cultura pop não estava prevista, mas agora se tornou a principal força da editora pelo papel que representa para o meio acadêmico. Essa nova linha não entra em conflito com o projeto original, ao contrário, vem re-

10. Para conhecer a editora Marca de Fantasia visitar seu site oficial: <https://www.marcadefantasia.com/>. Para ler o balanço que, como editor, Henrique Magalhães faz das publicações do ano de 2008 acessar o seguinte endereço: (Nota do editor: o balanço de 2008 não está mais disponível, veja o mais recente - 2016 - em <https://www.marcadefantasia.com/nasparadas/nasparadas2016-2020/nasparadas2017/balanco-editorial-2016/balanco-editorial-2016.html>).

forçar a pesquisa e a investigação sobre diversos aspectos dos quadrinhos, da linguagem ao resgate histórico.

(...) Tenho os autores como parceiros de um projeto de independência e afirmação cultural.

(...) A inquietação própria do fanzineiro é o que continua me movendo. Se tivesse me moldado aos parâmetros do mercado não teria editado muita coisa que acho bacana e importante, mas que tem um público extremamente reduzido. Faço o trabalho que gosto, com os autores que acho relevantes, independente da aceitação do público. Essa é a diferença entre o mercado, que visa o lucro, e o trabalho apaixonado do fanzineiro.

(...) Procuo ser fiel aos meus princípios, mas não os vejo como algo fossilizado. Estou sempre aprendendo com cada livro que edito, com cada novo autor que conheço. Isso vai me moldando sem me corromper, porque é algo natural, que acrescenta valores ao meu caráter (MAGALHÃES, 2009, p. 5-6).

Consigo identificar, em palavras e textos de Henrique Magalhães, algumas palavras que me parecem chaves para identificar alguns traços de sua complexa identidade, em permanente construção, de desenhista, fanzineiro, professor, editor, administrador e pesquisador. São elas: resistência, projeto de independência, afirmação cultural, experimentação, criação, difusão, valorização, vanguarda, parceria, inquietação fanzineira e pesquisa.

Com certeza estas palavras não conseguem deter a complexidade da qual me acerquei, mas dão bem uma ideia do que é possível realizar numa ação editorial em que se tem clareza de projeto, coragem, disciplina, criatividade e autodeterminação. Aliás, o próprio Henrique Magalhães assim se expressou para mim, quando perguntei que quali-

dades, segundo ele, um editor deveria ter para realizar bem o seu trabalho: *Deve ter um objetivo claro, um bom projeto, disciplina e força de vontade. O resto se aprende com a experiência e observação* (MAGALHÃES, 2009, p. 4).

A editoria vanguardeira de quadrinhos poético-filosóficos

Em outro trabalho já explicitarei minha compreensão sobre os quadrinhos poético-filosóficos (Santos Neto, 2009). As histórias em quadrinhos poético-filosóficas são aquelas que apresentam, de maneira explícita em sua arte, a intenção de que seja feita uma reflexão poética, enquanto aberta criativamente ao contínuo movimento da vida, e filosófica, enquanto provocação a um pensar aprofundado sobre a condição humana. As histórias em quadrinhos poético-filosóficas tendem a ser apresentadas em histórias curtas que, muitas vezes, rompem com a linearidade convencional das narrativas em quadrinhos usando, para tanto, de criativos recursos seja no traço do artista seja em novas propostas de utilização dos requadros.

São, portanto, três as características que principalmente definem uma história em quadrinhos poético-filosófica: 1. A intencionalidade poética e filosófica; 2. Histórias curtas que exigem uma leitura diferente da convencional; 3. Inovação na linguagem quadrinhística em relação aos padrões de narrativas tradicionais nas histórias em quadrinhos.

Quando se fala da intencionalidade poética aqui é no sentido sugerido por Edgar Franco (2006, p. 110), que se referenciou no pensamento de Aristóteles, isto é, um olhar que, sem perder completamente o pé do chão presente e estando aberto aos influxos criativos da imaginação, consegue vislumbrar as coisas que ainda não são e trazê-las para a

fruição e reflexão do leitor ou leitora. Da mesma forma, quando se fala na intencionalidade filosófica não se está pensando aqui na filosofia que está presente necessariamente em qualquer obra de arte, mesmo naquela que se destina a fazer rir ou a ajudar a passar o tempo. Nem se está pensando naqueles autores que, como Alan Moore¹¹, por exemplo, conseguem construir reflexões filosóficas em quadrinhos já consolidados no mercado formal. E muito menos se está pensando naqueles trabalhos que usam a linguagem das histórias em quadrinhos para introduzir ao pensamento de filósofos já consagrados, seja do pensamento ocidental ou oriental. Quando se fala de intencionalidade filosófica a referência é ao desejo, que explicitam os autores poético-filosóficos, de provocar uma reflexão mais profunda sobre a condição humana em seus leitores e leitoras e, para isso, compartilham suas visões sociais, oníricas, subjetivas, cósmicas, políticas e espirituais por meio da linguagem dos quadrinhos.

Como já se explicitou, Henrique Magalhães acolheu estes autores na editora Marca de Fantasia e, com eles, criou a revista *Tyli-Tyli*, dedicada aos quadrinhos poético-filosóficos. Na entrevista a mim concedida ele falou, em um bloco de nove perguntas, sobre este trabalho. Dada a importância de suas impressões, tanto para o registro histórico como para a compreensão desta produção, optei por apresentar, neste artigo, a íntegra de suas respostas. Embora na conclusão deste artigo vá refletir sobre o trabalho editorial de Henrique Magalhães, não me ausentando como pesquisador reflexivo que assume uma posição, quero

11. Roteirista de origem inglesa que ficou conhecido por escrever textos para as histórias em quadrinhos de forma criativa e usando largamente motivos e referências filosóficas e literárias. Também escreveu histórias de super-heróis, como Super-Homem e Batman, que se tornaram muito conhecidas. Alguns de seus trabalhos significativos são: “Do Inferno”, “Wathcmen” e “V de Vingança”.

fechar este tópico com as palavras do editor. Elas falam por si mesmas (MAGALHÃES, 2009, p. 6-8):

Elydio: *Qual foi o primeiro trabalho de histórias em quadrinhos poético-filosóficas que chegou a suas mãos? O que sua intuição de editor sentiu quando viu o material? Sentiu que você tinha em mãos um trabalho especial ou não houve de imediato esta percepção?*

Henrique Magalhães: Embora eu tenha usado essa denominação, acho o termo “poético-filosófico” meio pretensioso, já que os quadrinhos desse gênero se tratam mais de inquietações pessoais que de uma teoria filosófica estruturada. Prefiro chamá-los por “quadrinhos poéticos”, já que a poesia quebra as formalidades linguísticas e conceituais, dando margem às “viagens” pessoais.

Os primeiros trabalhos de quadrinhos poéticos que conheci foram os de Flávio Calazans, Edgar Franco e Gazy Andraus. Exatamente esse trio foi a base da formação da revista *Tyli-Tyli*, que depois se chamou de *Mandala*. Não havia nada no gênero no mercado e ali estava uma expressão nova nos quadrinhos, que circulava em edições avulsas ou fanzines variados. A criação da revista com o tema foi para dar consistência a esse trabalho, tanto que a partir daí surgiram muitos outros autores fazendo quadrinhos poéticos, diversificando e constituindo uma nova linguagem.

O que me chamou atenção nos quadrinhos poéticos foi a quebra estrutural dos quadrinhos com o texto independente da objetividade convencional e a liberdade do enquadramento e da diagramação. Calazans apresentava um conteúdo político anarquista com sua personagem *Tyli-Tyli*; Gazy, a espontaneidade do traço feito sem esboço e as ideias metafísicas, que também se apresentavam no trabalho de Edgar

Franco. Todos vinham com um estilo pessoal inconfundível, caracterizando o que podemos chamar de quadrinhos autorais.

Elydio: *O que se passa na cabeça de um editor quando se dispõe, como você fez, a editar este tipo de material?*

Henrique: O que me motiva é a provocação que esses quadrinhos podem significar para o público e para mim mesmo. A possibilidade de fazer algo novo. A valorização de um gênero de quadrinhos criativo e experimental.

Elydio: *Como você vê o trabalho artístico e a visão de mundo dos autores de quadrinhos poético-filosóficos?*

Henrique: Considero que esses autores estão na vanguarda da produção de quadrinhos e muitas vezes não são bem compreendidos. Para quem está acostumado com os quadrinhos de massa, os quadrinhos poéticos soam estranhos e herméticos, porque estão repletos de referências literárias ou mesmo reflexões muito pessoais. De todo modo, acho respeitável a ousadia de quem busca uma expressão própria, fora dos padrões e dos clichês da indústria cultural.

Elydio: *Você considera que este grupo tem uma contribuição a dar em termos de construção cultural mesmo não tendo espaço no grande mercado de quadrinhos?*

Henrique: Claro, eles contribuem pela expressão nova que trazem, pelas propostas inquietantes e por mostrar que existe algo além do que o mercado oferece. Os autores chegaram ao ponto de experimentar caminhos que fogem completamente aos habituais na produção de seus quadrinhos. Flávio Calazans chegou a fazer um álbum sob o efeito de

hipnose; Gazy Andraus radicalizou na concepção intuitiva de seus quadrinhos, gerando trabalhos viscerais e surpreendentes; Edgar Franco dedicou-se à experimentação e pesquisa do que ele criou e denominou de HQtrônicas, gerando um produto híbrido de história em quadrinhos e animação, com ênfase na participação efetiva do leitor.

Elydio: Você acredita que este tipo de produção tem uma marca singular, mesmo quando comparada com outras produções, por exemplo, a europeia?

Henrique: Os quadrinhos autorais europeus são a base de inspiração dessa geração de quadrinistas, contudo, por sua própria característica autoral, cada qual tem sua expressão particular, já que a história de cada autor é única.

Elydio: Vê, na cultura brasileira atual, que haja algum tipo de espaço para a produção poético-filosófica? Por que? Qual o futuro desta produção?

Henrique: Pra mim essa proposta será tida sempre como “marginal”, estará dirigida a um público seletivo e sensível a novas linguagens. Os quadrinhos poéticos não serão um produto de massa, mas autoral, sem padronizações, sem linguagem fácil e óbvia. Ainda que cheguem a ser editados pelas editoras convencionais – e Edgar Franco, juntamente com Mozart Couto já lançaram o magnífico álbum *BioCyberDrama*, pela Opera Graphica –, seu público será mais intelectualizado, muito distante do leitor comum.

Elydio: Pelo conhecimento que você tem dos artistas deste grupo quem está produzindo ainda?

Henrique: Do núcleo inicial da revista *Tyli-Tyli*, Gazy Andraus e Edgar Franco seguem desenvolvendo sua obra. Flávio Calazans anda meio afastado dos quadrinhos e não tenho muitas notícias se continua produzindo. Outros autores que publicaram na revista sumiram, ou estão publicando em fanzines diversos. A *Tyli-Tyli* funcionou como celeiro e ponto de encontro desses quadrinistas. Com seu fim, houve uma dispersão.

Elydio: *Você não avalia que, tomando os devidos cuidados para não cair num processo de didatização, os quadrinhos poético-filosóficos poderiam ser bem trabalhados na educação, de modo especial no ensino médio e no ensino universitário?*

Henrique: Certamente, mas seria preciso os próprios professores entender a linguagem dos quadrinhos. Pelo que se vê, e Thierry Groensteen reforça em seu livro *História em Quadrinhos: essa desconhecida arte popular* (Marca de Fantasia), o que há é um grande desconhecimento da academia sobre os quadrinhos. Isto ele se refere aos quadrinhos comerciais, imagine quanto aos quadrinhos poéticos, que exigem uma leitura aguçada!

Elydio: *Tem projetos de editoria, ainda, no campo dos quadrinhos poético-filosóficos? Em caso positivo, quais?*

Henrique: Parei de editar a revista *Mandala* (ex-*Tyli-Tyli*) porque o público se tornou cada vez mais escasso, o que demonstrava desinteresse pelo gênero. Talvez os quadrinhos poéticos tenham se tornado demasiadamente complexos, cheios de referências exteriores aos próprios quadrinhos, exigindo do público um conhecimento amplo e inalcançável. Apesar dessa contingência, os quadrinhos poéticos continu-

am me instigando e pretendo um dia voltar a editá-los, não mais como uma revista seriada, que exige compromisso e fidelidade do público, mas como álbuns de compilações e antologias.



Figura 5. Capa da revista *Tyli-Tyli* n. 1; revista *Mandala* n. 12; revista *Mandala* n. 13; revista *Artlectos e Pós-humanos* n. 3. Todas são produções de quadrinhos poético-filosóficos

Reflexões conclusivas... Vanguarda e independência nas fronteiras entre comunicação, educação e arte

Nossa sociedade, não apenas brasileira, mas planetária, tem passado por muitos processos de mudança. Os diferentes campos da cultura humana têm sido sacudidos por questionamentos, reformulações, novas posturas e novos valores. Da moral às novas tecnologias, passando pela ciência, economia, política, religiões, filosofia, trabalho e educação temos visto os conflitos paradigmáticos entre uma cultura dominante que insiste em permanecer e novas abordagens culturais que ousam novas proposições.

Tive a oportunidade de perguntar a Henrique Magalhães (2007) o que ele pensava sobre o futuro deste gênero em terras brasileiras e ele me respondeu o seguinte:

No Brasil não há a menor chance de uma cultura como essa vingar nos meios comerciais. O que resta é o entusiasmo dos autores com suas auto-edições. Isto não é pouco, mas não garante a profissionalização. De todo modo, acredito que os quadrinhos poéticos são uma das expressões mais fortes do que se pode chamar de quadrinho autoral e não devem ser abandonados de vez.

De minha parte vejo, claramente, as dificuldades que aponta Henrique Magalhães e comungo com ele da vontade de ver o gênero prosseguir, pois fico fortemente tocado pelo seu potencial reflexivo, transformador, político, estético e educativo. Desejo, também, que os artistas continuem a produzir sua obra, ainda que seja numa cultura cujo mercado oferece muitos obstáculos para acolhê-la e divulgá-la.

Examinei a ação do editor Henrique Magalhães, de modo especial seu trabalho com a publicação dos quadrinhos poético-filosóficos, e nela encontrei espírito de vanguarda e independência. No entanto, é possível dizer que este espírito permeia todo o seu trabalho como editor. Onde e como se percebem estas marcas? Nas opções que vem fazendo desde o momento em que resolveu criar a editora Marca de Fantasia, com a opção por: fazer uma ação editorial com independência em relação ao mercado, mas com qualidade profissional; valorizar os quadrinhos brasileiros; abrir-se a trabalhos inovadores e de experimentação; acolher novos e desconhecidos autores; assumir causas das minorias; trabalhar com consciência e sensibilidade política; publicar ensaios sobre quadrinhos e cultura pop; ajudar a tornar conhecidos trabalhos que podem levar a novas visões de mundo e que, geralmente, não são aceitos no mercado tradicional, entre eles, e especialmente, os quadrinhos poético-filosóficos.

A criativa ação editorial de Henrique Magalhães, com as marcas de vanguarda e independência, pode ter auxiliado a produzir um material que, nascido dos artistas poético-filosóficos, está à disposição daqueles que desejam se empenhar, nas fronteiras da arte-comunicação-educação, para ajudar a construir um mundo onde possamos viver melhor. É uma utopia. Utopias são provocações para as ações de nosso presente. É necessário, pois, que outros agentes culturais – professores, pesqui-

sadores, artistas, animadores culturais, editores, comunicadores – se apropriem deste material e o re-criem das formas mais criativas. Aí está uma possibilidade de intervir no presente e no futuro de nossa sociedade e de nosso planeta.

Que artistas e editores, e mais todos aqueles que se aproximarem, consigam manter vivo o entusiasmo pelos quadrinhos poético-filosóficos, pois está aí um trabalho capaz de provocar transformações na direção de uma cultura com mais alegria, beleza e, por que não, na direção da “criação de um mundo em que seja menos difícil amar” (FREIRE, 1982, p. 218).

Referências

- ANDRAUS, Gazy. Tyli-Tyli: a revista de quadrinhos filosóficos do Brasil. In: CALAZANS, F. M. A. (Org.). *As histórias em quadrinhos no Brasil: teoria e prática*. São Paulo: Intercom: Unesp/Proex, 1997. p. 81-91.
- ANDRAUS, Gazy. Editora Marca de Fantasia: disseminação alternativa do universo artístico e crítico da linguagem das histórias em quadrinhos. 3^o. *Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho*. Comunicação Científica. GT6 – História da Mídia Visual. Março de 2005. (mimeo)
- FRANCO, Edgar S. *Perspectivas pós-humanas nas ciberartes*. São Paulo: USP/ECA, 2006. (Tese de Doutorado).
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 11ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- MAGALHÃES, Henrique. *O que é fanzine*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- MAGALHÃES, Henrique. Editorial. In: Revista *Tyli-Tyli*, n. 1, fevereiro de 1995, João Pessoa: Marca de Fantasia, p. 2.
- MAGALHÃES, Henrique. *Maria: Olhai os lírios no campo*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 1998.
- MAGALHÃES, Henrique. Poesia e Quadrinhos. In: Revista *Mandala*, n. 12, junho de 2000, João Pessoa: Marca de Fantasia, p. 17-18.
- MAGALHÃES, Henrique. Quadrinhos Poéticos: viagem obtusa aos meandros da alma, In: Revista *Mandala*, n. 13, junho de 2001a, João Pessoa: Marca de Fantasia, p. 19-20.
- MAGALHÃES, Henrique. Transcendência e poética visual. In: ANDRAUS, Gazy. *Ternário M. E. N*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2001b, p. 7-8.
- MAGALHÃES, Henrique. *O rebuliço apaixonante dos fanzines*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2003.
- MAGALHÃES, Henrique. *A nova onda dos fanzines*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2004.

MAGALHÃES, Henrique. *A mutação radical dos fanzines*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005a.

MAGALHÃES, Henrique. *Maria: espirituosa... há 30 anos!*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005b.

MAGALHÃES, Henrique. Entrevista concedida a Elydio dos Santos Neto. In: Anexo de E-mail de Henrique Magalhães para Elydio dos Santos Neto, em 22 de maio de 2007, às 00:48, 2007.

MAGALHÃES, Henrique. *Macambira e sua gente*. 3ed. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2008.

MAGALHÃES, Henrique. Entrevista concedida a Elydio dos Santos Neto. In: Anexo de E-mail de Henrique Magalhães para Elydio dos Santos Neto, em 04 de julho de 2009, às 23:03, 2009.

SANTOS NETO, Elydio. O que são histórias em quadrinhos poético-filosóficas? Um olhar brasileiro. In: *Visualidades*. Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual/UFG (2009). Goiânia-GO: UFG, FAV, 2009.

Apêndice

Entrevista com o editor da editora Marca de Fantasia, Henrique Magalhães (01.07.2009)

I. Aspectos relativos à biografia pessoal, o mundo dos desenhos, às HQs e aos fanzines

Elydio (E): Onde e quando nasceu? Fale um pouco sobre a vida de sua família em sua infância (pai, mãe, irmãos ou outros aspectos que julgar pertinentes).

Henrique Magalhães (HM): Nasci em João Pessoa, Paraíba, em 17 de agosto de 1957, de Ulrico José de Magalhães e Maria Darcy Paiva de Magalhães, também paraibanos. Sou primogênito de uma família de 6 filhos, quatro do sexo masculino e dois do sexo feminino. Tivemos uma vida simples, com as dificuldades de uma família de classe média mal remunerada. Minha mãe trabalhava em casa como costureira para complementar o salário de meu pai, cujo emprego de agente fiscal do estado sofrera uma brutal desvalorização após o golpe militar. Tivemos, eu e meus irmãos, a educação e o cuidado necessários para alcançarmos outro patamar intelectual e econômico.

E: Quando e como o desenho entrou em sua vida? Foi estimulado e apoiado a desenhar? Chegou a fazer algum estudo sistemático de desenho?

HM: Sempre tive todo o apoio em meu gosto pelos desenhos, que começou com a colorização de revistas próprias para isto. Era com orgulho que meus pais viam meu progresso ao copiar as figuras e ampliá-las como grandes cartazes e murais. Na adolescência acompanhei algumas apostilas do Curso de Desenho Artístico e Publicitário do Instituto Universal Brasileiro (IUB), que era anunciado nas revistas em quadrinhos, mas foi observando e copiando que consegui aprender um pouco de perspectiva e proporção. Fora isso, não fiz nenhum curso de desenho presencial nem tive nenhuma orientação profissional. Vale ressaltar que não me sinto um bom desenhista, apenas domino a linguagem dos rabiscos que criei.

E: E as histórias em quadrinhos? Como entraram em sua vida?

HM: Os quadrinhos ajudaram em minha formação e desenvolvimento da leitura. Em outro momento, me ajudaram a aprender a desenhar, ao observar a postura das personagens cômicas. Foi com as tiras cômicas que vi a possibilidade de expressão exatamente porque permite uma feição de desenho menos rígida, mais livre dos rigores do desenho acadêmico.

E: Quando começou a desenhar quadrinhos? Quando criou sua primeira história em quadrinhos? Qual sua primeira história em quadrinhos publicada? Quando e onde foi publicada? De que se tratava?

HM: Com 15, 16 anos comecei a ensaiar a criação de meus próprios quadrinhos, quando descobri as tiras cômicas diárias de conteúdo crítico e político. Ao ler *Hagar*, de Dik Browne, *Frank & Ernest*, de Thaves, *B.C.*, de Johnny Hart, *Mãe*, de Mell Lazarus, *O Mago de Id*, de Brant Parker e Johnny Hart, *Peanuts*, de Charles Schulz, vi que esse

era o caminho que queria seguir. O desenho cômico casava com minhas limitações de desenhistas e o conteúdo crítico calhava com as inquietações da adolescência. Em seguida conheci as tiras brasileiras, cheias de contestação ao regime político e moldadas sobre a crítica social. Ao lado da argentina *Mafalda*, de Quino, foi Henfil, com *Zeferino*, que mais me influenciou na formatação de meus quadrinhos.

Criei a personagem *Maria* em 1975, mas só em 1976 publiquei a primeira tira, no suplemento dominical *O Norte em Quadrinhos*, do jornal *O Norte*, de João Pessoa. O gosto de ver a tira publicada e a reação dos leitores e críticos – sim, tínhamos uns dois os três críticos de quadrinhos nos jornais paraibanos – me incentivaram a produzir mais e aperfeiçoar o traço e o texto. Passei a publicar diariamente em outro jornal, *A União*, e depois em *O Norte*, sedimentando uma produção que chegou a ter dez edições da revista *Maria* distribuída nas bancas da Paraíba e de Recife, alguns álbuns e centenas de tiras publicadas em várias fases até 1998.

E: E os fanzines? Como entraram em sua vida? Foi antes da universidade ou depois? Você chegou a fazer algum fanzine como criança, adolescente ou jovem?

HM: Foi com a publicação da revista *Maria* que conheci o meio independente, ao trocar minhas revistas por outras semelhantes que se faziam em Natal, São Luís, Fortaleza, Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo, entre outras cidades. Os fanzines, como boletins de fãs, com notícias e análises sobre quadrinhos, só conheci no início dos anos 1980. Após concluir o Curso de Comunicação Social na UFPB já possuía uma boa quantidade de fanzines de todo canto do país. Isso me chamou a atenção e percebi que havia uma movimentação crescente em torno dessas

publicações, facilitada pela popularização e aperfeiçoamento das fotocopiadoras. Decidi pesquisar sobre elas, que era um tema inédito na academia, e fiz uma dissertação de Mestrado sobre os fanzines brasileiros, apresentada em 1990 na Escola de Comunicações e Artes da USP.

E: Quais eram suas referências de desenhistas, roteiristas ou escritores no momento de sua formação inicial como desenhista?

HM: Lia tudo o que conseguia encontrar nas bancas ou com os amigos. Fui fissurado nas edições O Cruzeiro, com as séries de *Luluzinha*, *Bolinha*, *Os Flintstones*, ou da RGE, *Brasinha*, *Bolota*, *Brotoeja*, *Riquinho*, além de *Fantasma* e *Mandrake*. Lia também as publicações Disney, da Abril. Mas o que me encantou mesmo foi a renovação dos super-heróis da Marvel, lançados aqui pela Ebal, principalmente *Homem Aranha*. Tenho ainda toda a coleção do *Homem Aranha* daquela época, que era um primor de aventura juvenil com toques de problemas do cotidiano. Como autor, minhas influências vão de Quino a Henfil, mas também Ziraldo, Jaguar, Reiser, Caulos, Angeli, Laerte e Crumb.

E: Que relação vê entre sua visão de mundo (sua filosofia de vida), o desenho e as histórias em quadrinhos? Como era isto quando começou? Como é isto hoje?

HM: Minha formação deve muito às Histórias em Quadrinhos, com suas histórias altruístas, com seu rigor ético. A justiça invariavelmente era feita, sem muitas possibilidades para um relativismo moral. Isso era uma época, anos 1960, início dos anos 1970. Hoje a realidade é outra, mas talvez não devêssemos ter abandonado de todo esse maniqueísmo. Hoje há uma inversão perigosa, onde o vilão cínico e cruel seduz de forma mórbida o gosto da juventude. Se não, como explicar a aco-

lhida glamourosa do patológico *Coringa*, muito mais que a já grotesca figura de *Batman*? Talvez os jovens encontrem nessa identificação com as forças sinistras uma forma de catarse, num mundo onde o horror se mostra todo dia de forma realista nos telejornais.

Devido à época, minha formação teve o caráter de resistência política e cultural. Resistência à ditadura militar e identificação com os movimentos de contracultura. Posteriormente, militância no movimento gay e outras minorias, e resistência à indiferença da indústria cultural, em particular ao mercado de quadrinhos.

E: Que personagens de sua criação cita como referência de sua autoria? Por que?

HM: *Maria* é meu *alter ego*, foi minha porta-voz, meu grito e meu raciocínio crítico com feição humorística. Mas também criei, na década de 1990, uma série de tiras de temática homossexual chamada *Macambira e sua gente*, onde me coloco como o personagem *Rico*. Dessa forma, pude me mostrar em um momento de maturidade, com outra perspectiva de humor, sem a contingência da denúncia do estado crítico social.

E: De seus primeiros tempos guarda memórias de momentos difíceis e/ou de alguma frustração em relação ao mundo do desenho e das histórias em quadrinhos?

HM: Se observarmos a realidade nacional, quase sempre consegui o que queria com os quadrinhos, seja publicando nos jornais diários – ainda que locais –, seja lançando minhas próprias revistas. Logo me desiludi com o mercado editorial. Além de morar na periferia do país, fora do eixo da indústria cultural, o mercado sempre se mostrou medi-

ocre, sem projeto e sem inquietações que dessem margem à publicação de novos autores nacionais. Nem mesmo os já conhecidos e consagrados tiveram ou continuam tendo o respeito que merecem no país.

Um momento frustrante foi quando apresentei *Maria* no jornal *Folha da Tarde*, por volta de 1985. Franco de Rosa fez uma matéria sobre a personagem e publicou no jornal. Havia a possibilidade de *Maria* ser publicada diariamente num grande jornal, mas *Maria* foi preterida por *Rosa é Rosa*, uma tira estadunidense de humor pasteurizado.

E: Quais prêmios você já recebeu pelo seu trabalho com o desenho, enquanto desenhista?

HM: Recebi o prêmio de Melhor álbum por *O rebuliço apaixonante dos fanzines*, pelo Estúdio Divisão Brasileira de Artes, em 2003; um HQMix pelo fanzine *Top! Top!*, em 2003; e o Troféu Bigorna de Melhor álbum/livro de humor, por *Macambira e sua gente*, em 2008. (Nota do editor: a publicação *Seu nome próprio... Maria! Seu apelido*, Lisboa, lançada pela editora portuguesa Polvo em 2015, ganhou o prêmio de melhor álbum de tiras humorísticas no Festival Internacional de Banda Desenhada de Amadora, Portugal, em 2016).

II. Aspectos relativos ao trabalho como editor e início da editora Marca de Fantasia

E: Como começou sua vocação de editor? Quantos anos tinha? O que o movia a assumir este trabalho?

HM: Antes de publicar as revistas *Maria* eu já tentava fazer algo como um boletim com variedades culturais, na escola secundarista, com 16 anos. Foi uma pequena publicação em mimeógrafo que me deu no-

ção de como fazer uma revista, com intercalação de páginas, capa, expediente etc. Mas foi com a revista *Maria* que comecei a desenvolver meu manejo editorial. Quando conheci os fanzines eu já tinha colocado matéria textual na revista *Maria*, a exemplo da revista *Fradim*, onde Henfil inseria, além dos quadrinhos, cartas, relatos e outros textos.

Na segunda metade da década de 1980 lancei seis edições do fanzine *Marca de Fantasia* e no início dos anos 1990, oito edições de *Nhô-Quim*. Ainda nos anos 1980, já como professor do Curso de Comunicação Social da UFPB, lancei com alguns alunos a revista *Se Toque*, de divulgação e crítica cultural de João Pessoa. A *Se Toque*, que era semanal, foi meu maior laboratório editorial, onde eu fazia de tudo, da coleta de informações à redação, da diagramação à venda de anúncios e distribuição.

Após o Doutorado em Paris e as descobertas com o meio editorial independente francês, resolvi colocar essa experiência a favor dos quadrinhos, criando o projeto da editora Marca de Fantasia, em 1995.

E: Fez isto sem deixar de ser desenhista? Como foi conciliar estas duas atividades?

HM: Enquanto editava, eu continuava fazendo as tiras de *Maria* – que depois chamei de *Rendez-vous*, para incluir outros personagens –, e publicando no jornal *O Norte*, até fevereiro de 1998. Era um trabalho puxado, mas eu tinha organização e método de trabalho.

E: Quais as qualidades que, segundo você, um editor deve possuir para realizar bem o seu trabalho?

HM: Deve ter um objetivo claro, um bom projeto, disciplina e força de vontade. O resto se aprende com a experiência e observação.

E: Você também administra financeiramente a editora? Como é conciliar a função administrativa com a função de criação e editoração?

HM: Continuo fazendo tudo na editora, e isso, a longo prazo, passa a ser um problema. A editora agigantou-se em quantidade de publicações, bem mais do que eu previra ou quisera. Mas é um trabalho que não dá pra parar. Cada novo título lançado amplia o universo de leitores, que passam a cobrar novos títulos, num círculo vicioso e crescente. Isso mostra a força da editora e a necessidade de se estruturar como um trabalho profissional.

Para sua administração financeira, criei um método pouco oneroso, mas que abre grandes possibilidades de ação. De cada título são feitas 200 capas em offset; do miolo são feitas pequenas tiragens progressivas de 20 exemplares em impressora laser, que são repostas à medida em que há demanda. Esse método faz com que eu tenha muitos títulos sem ter que investir muito e sem ter capital empatado com encalhes.

E: O fanzinato foi/é/está sendo uma boa prática para sua formação permanente como editor?

HM: Foi com os fanzines e publicações independentes que me formei como editor. Não vi nada disso no Curso de Comunicação Social, que forma jornalistas. Aproveito para passar essa experiência para meus alunos, na disciplina *Laboratório de Pequenos Meios*. (Nota do editor: em 2009 Henrique saiu do Curso de Comunicação Social para criar, junto com alguns professores, o Curso de Comunicação em Mídias Digitais, em que ministra as disciplinas *Editoração* e *Fanzines e HQtrônicas*, além de *Socialidade nas Mídias*, esta no Mestrado em Comunicação da UFPB).

E: Quais as grandes dificuldades de ser editor no Brasil, principalmente no campo dos quadrinhos, quando começou? E hoje? Persistem as mesmas dificuldades?

HM: Como meu trabalho é amador, não sei dizer exatamente quais as dificuldades de ser editor no Brasil. No campo profissional, tenho conhecimento de que há um grande problema de distribuição, além de que as pequenas tiragens tornam as publicações caras. Mas boa parte desses problemas vem do comodismo dos editores, que querem o lucro fácil e imediato, não têm projetos de fidelização e formação do público.

E: Como surgiu a editora Marca de Fantasia?

HM: Após um longo debate sobre as perspectivas para a produção dos fanzines no país, no final da década de 1980, tentei lançar uma publicação coletiva, que agrupasse várias linhas dos fanzines existentes na época, algo como uma revista com atualidades dos quadrinhos, um pouco de nostalgia dos quadrinhos, humor, política e experimentação. Na época, sem a internet, as dificuldades de comunicação eram muito grandes, mesmo assim, eu e José Carlos Ribeiro, que editava o fanzine *PolítiQua*, em Carlos Barbosa, Rio Grande do Sul, lançamos o fanzine *Nhô-Quim*. Por causa das dificuldades citadas, a parceria ficou no número 1 e eu segui editando o fanzine até o número 8, quando fui à França para o Doutorado.

A experiência adquirida com a edição de fanzines e a ebulição do meio independente francês me motivaram a fazer um projeto editorial mais estruturado, vindo daí a criação da editora Marca de Fantasia com, inicialmente, três linhas editoriais: o fanzine *Top! Top!*, de caráter jornalístico; a revista *Tyli-Tyli*, de quadrinhos poéticos; e a coleção de tiras *Das tiras coração*, esta em parceria com Edgard Guimarães.

E: Por que o nome Marca de Fantasia?

HM: Antes de ser um fanzine de quadrinhos, já havia usado o nome *Marca de Fantasia* para uma publicação cultural que lancei no início dos anos 1980, quando era estudante do Curso de Comunicação Social da UFPB. Era uma revista de crítica sobre a produção cultural da cidade. Queria um nome sugestivo, que passasse um tom poético para a publicação. O nome *Marca de Fantasia* me veio como um insight ao ver numa garrafa de Cola Cola o letreiro “Marca registrada de fantasia”. Tirei o “registrada” e adotei a *Marca de Fantasia*, como algo que toca o imaginário, que dá liberdade à criação. É o que a maioria das empresas faz, além da razão social, apresentam-se ao público com uma *marca de fantasia*.

E: Qual a filosofia da editora em seu início? E hoje? O que mudou nestes anos de trabalho?

HM: O princípio da editora era valorização dos quadrinhos brasileiros, a experimentação e a difusão do trabalho dos novos autores. Dessa forma eu imaginava abarcar todo o universo da produção de quadrinhos. O projeto continua o mesmo, com ampliações. A edição de ensaios sobre quadrinhos e cultura pop não estava prevista, mas agora se tornou a principal força da editora pelo papel que representa para o meio acadêmico. Essa nova linha não entra em conflito com o projeto original, ao contrário, vem reforçar a pesquisa e a investigação sobre diversos aspectos dos quadrinhos, da linguagem ao resgate histórico.

E: Quais foram os sinais que o fizeram perceber que o trabalho com a editora era algo que podia dar certo?

HM: Ao ver o interesse crescente dos autores em participar do projeto. Isso mostra a debilidade do mercado editorial, que não enxerga os valores em broto e os menosprezados autores veteranos, mas traz importância ao trabalho associativo e empreendedor. Tenho os autores como parceiros de um projeto de independência e afirmação cultural.

E: O quanto há de fanzineiro no Editor? E de editor no fanzineiro? É possível separar estas coisas?

HM: A inquietação própria do fanzineiro é o que continua me movendo. Se tivesse me moldado aos parâmetros do mercado não teria editado muita coisa que acho bacana e importante, mas que tem um público extremamente reduzido. Faço o trabalho que gosto, com os autores que acho relevantes, independente da aceitação do público. Essa é a diferença entre o mercado, que visa o lucro, e o trabalho apaixonado do fanzineiro.

E: Qual a influência que sua visão de mundo, sua visão política, seu modo de compreender o ser humano tem no seu trabalho de editor? Como você lida com isto?

HM: Procuo ser fiel aos meus princípios, mas não os vejo como algo fossilizado. Estou sempre aprendendo com cada livro que edito, com cada novo autor que conheço. Isso vai me moldando sem me corromper, porque é algo natural, que acrescenta valores ao meu caráter.

III. Sobre as Histórias em Quadrinhos poético-filosóficas

E: Qual foi o primeiro trabalho de histórias em quadrinhos poético-filosóficas que chegou a suas mãos? O que sua intuição de editor sentiu quando viu o material? Sentiu que você tinha em mãos um trabalho especial ou não houve de imediato esta percepção?

HM: Embora eu tenha usado essa denominação, acho o termo “poético-filosófico” meio pretensioso, já que os quadrinhos desse gênero se tratam mais de inquietações pessoais que de uma teoria filosófica estruturada. Prefiro chamá-los por “quadrinhos poéticos”, já que a poesia quebra as formalidades linguísticas e conceituais, dando margem às “viagens” pessoais.

Os primeiros trabalhos de quadrinhos poéticos que conheci foram os de Flávio Calazans, Edgar Franco e Gazy Andraus. Exatamente esse trio foi a base da formação da revista *Tyli-Tyli*, que depois se chamou de *Mandala*. Não havia nada no gênero no mercado e ali estava uma expressão nova nos quadrinhos, que circulava em edições avulsas ou fanzines variados. A criação da revista com o tema foi para dar consistência a esse trabalho, tanto que a partir daí surgiram muitos outros autores fazendo quadrinhos poéticos, diversificando e constituindo uma nova linguagem.

O que me chamou atenção nos quadrinhos poéticos foi a quebra estrutural dos quadrinhos com o texto independente da objetividade convencional e a liberdade do enquadramento e da diagramação. Calazans apresentava um conteúdo político anarquista com sua personagem *Tyli-Tyli*; Gazy, a espontaneidade do traço feito sem esboço e as ideias metafísicas, que também se apresentavam no trabalho de Edgar

Franco. Todos vinham com um estilo pessoal inconfundível, caracterizando o que podemos chamar de quadrinhos autorais.

E: O que se passa na cabeça de um editor quando se dispõe, como você fez, a editar este tipo de material?

HM: O que me motiva é a provocação que esses quadrinhos podem significar para o público e para mim mesmo. A possibilidade de fazer algo novo. A valorização de um gênero de quadrinhos criativo e experimental.

E: Como você vê o trabalho artístico e a visão de mundo dos autores de quadrinhos poético-filosóficos?

HM: Considero que esses autores estão na vanguarda da produção de quadrinhos e muitas vezes não são bem compreendidos. Para quem está acostumado com os quadrinhos de “massa”, os quadrinhos poéticos soam estranhos e herméticos, porque estão repletos de referências literárias ou mesmo reflexões muito pessoais. De todo modo, acho respeitável a ousadia de quem busca uma expressão própria, fora dos padrões e dos clichês da indústria cultural.

E: Você considera que este grupo tem uma contribuição a dar em termos de construção cultural mesmo não tendo espaço no grande mercado de quadrinhos?

HM: Claro, eles contribuem pela expressão nova que trazem, pelas propostas inquietantes e por mostrar que existe algo além do que o mercado oferece. Os autores chegaram ao ponto de experimentar caminhos que fogem completamente aos habituais na produção de seus quadrinhos. Flávio Calazans chegou a fazer um álbum sob o efeito de hipnose; Gazy Andraus radicalizou na concepção intuitiva de seus qua-

drinhos, gerando trabalhos viscerais e surpreendentes; Edgar Franco dedicou-se à experimentação e pesquisa do que ele criou e denominou de HQtrônicas, gerando um produto híbrido de história em quadrinhos e animação, com ênfase na participação efetiva do leitor.

E: Você acredita que este tipo de produção tem uma marca singular, mesmo quando comparada com outras produções, por exemplo, a europeia?

HM: Os quadrinhos autorais europeus são a base de inspiração dessa geração de quadrinistas, contudo, por sua própria característica autoral, cada qual tem sua expressão particular, já que a história de cada autor é única.

E: Vê, na cultura brasileira atual, que haja algum tipo de espaço para a produção poético-filosófica? Por que? Qual o futuro desta produção?

HM: Pra mim essa proposta será tida sempre como “marginal”, estará dirigida a um público seletivo e sensível a novas linguagens. Os quadrinhos poéticos não serão um produto de massa, mas autoral, sem padronizações, sem linguagem fácil e óbvia. Ainda que cheguem a ser editados pelas editoras convencionais – e Edgar Franco, juntamente com Mozart Couto já lançaram o magnífico álbum *BioCyberDrama*, pela Opera Graphica –, seu público será mais intelectualizado, muito distante do leitor comum.

E: Pelo conhecimento que você tem dos artistas deste grupo quem está produzindo ainda?

HM: Do núcleo inicial da revista *Tyli-Tyli*, Gazy Andraus e Edgar Franco seguem desenvolvendo sua obra. Flávio Calazans anda meio afastado dos quadrinhos e não tenho muitas notícias se continua produzindo.

Outros autores que publicaram na revista sumiram, ou estão publicando em fanzines diversos. A *Tyli-Tyli* funcionou como celeiro e ponto de encontro desses quadrinistas. Com seu fim, houve uma dispersão.

E: Você não avalia que, tomando os devidos cuidados para não cair num processo de didatização, os quadrinhos poético-filosóficos poderiam ser bem trabalhados na educação, de modo especial no ensino médio e no ensino universitário?

HM: Certamente, mas seria preciso os próprios professores entender a linguagem dos quadrinhos. Pelo que se vê, e Thierry Groensteen reforça em seu livro *História em Quadrinhos: essa desconhecida arte popular* (Marca de Fantasia), o que há é um grande desconhecimento da academia sobre os quadrinhos. Isto ele se refere aos quadrinhos comerciais, imagine quanto aos quadrinhos poéticos, que exigem uma leitura aguçada!

E: Tem projetos de editoria, ainda, no campo dos quadrinhos poético-filosóficos? Em caso positivo, quais?

HM: Parei de editar a revista *Mandala* (ex-*Tyli-Tyli*) porque o público se tornou cada vez mais escasso, o que demonstrava desinteresse pelo gênero. Talvez os quadrinhos poéticos tenham se tornado demasiadamente complexos, cheios de referências exteriores aos próprios quadrinhos, exigindo do público um conhecimento amplo e inalcançável. Apesar dessa contingência, os quadrinhos poéticos continuam me instigando e pretendo um dia voltar a editá-los, não mais como uma revista seriada, que exige compromisso e fidelidade do público, mas como álbuns de compilações e antologias. (Nota do editor: a partir de 2009 a Marca de Fantasia deu sequência à revista *Artlectos e Pós-humanos*,

de Edgar Franco, lançada pela editora independente SM em 2006, em São Paulo. A revista de periodicidade anual foi retomada no número 3 e já está no número 11, divulgando os quadrinhos poético-filosóficos desse autor).

IV. O pesquisador, o professor e o fundador de gibiteca

E: Quando se decidiu tornar pesquisador? Por que?

HM: Meu primeiro projeto de pesquisa foi para a realização de meu TCC, para a conclusão do Curso de Comunicação Social. Fiz uma pesquisa sobre a história dos quadrinhos paraibanos, que completavam 20 anos em 1983. Imediatamente pensei em fazer Mestrado e seguir a carreira acadêmica. Ao mesmo tempo em que me submetia à seleção do Mestrado na USP, fiz concurso para a UFPB, assumindo o cargo em 1986.

E: Quando se decidiu tornar professor? Por que?

HM: Trabalhar na universidade era muito mais instigante que entrar no mercado de jornalismo na Paraíba, que tem uma imprensa medíocre e desvalorizada. O meio acadêmico me possibilitou grandes voos e conquistas, como aplicar em sala de aula minha experiência com edição e programação visual, além de me abrir as portas do mundo, me dando a chance de fazer o Doutorado em Paris.

E: Por que escolheu a França como local de formação? O que considera que foi seu principal aprendizado naquele momento?

HM: A França teve importância para mim por uma questão cultural. Venho de uma geração que lutava contra o imperialismo americano, e a Europa era nosso contraponto. Por outro lado, a tradição dos quadri-

nhos franceses com suas obras densas e autorais me chamava mais a atenção na juventude que os quadrinhos enlatados dos grandes estúdios dos Estados Unidos. Por último, os fanzines franceses viviam uma fase efervescente na década de 1990, com publicações excepcionais, muitas vezes melhores que as publicações do mercado.

Em Paris pude observar a transformação dessa produção de boletins amadores a publicações semiprofissionais. Alguns editores já tinham, inclusive, chegado ao mercado, outros preferiam manter-se na seara das produções associativas e independentes. Isto me inspirou a criação da editora Marca de Fantasia nos moldes do que começava a acontecer em várias partes do mundo, com uma visão alternativa, mas qualidade profissional.

E: Como é conciliar a tarefa de professor, pesquisador, editor e desenhista? Algum aspecto pesa mais?

HM: Tive que sacrificar meu lado quadrinista, não por causa das outras tarefas, mas porque os jornais não se interessam mais pelas tiras diárias, não há mais espaço para publicação. Todas as atividades estão integradas em meu trabalho profissional. A editora Marca de Fantasia é um projeto de extensão ligado ao Mestrado em Comunicação, onde dou aula e faço pesquisa.

E: Qual o seu interesse de pesquisa hoje no stricto sensu no qual trabalha?

HM: Tenho pesquisado sobre as tiras diárias, o que resultou até agora no livro *Humor em pílulas: a força criativa das tiras brasileiras* (Marca de Fantasia). Esta obra inspirou outro professor de nosso Mestrado, Marcos Nicolau, a escrever *Tirinha: síntese criativa de um gênero jor-*

nalístico, também lançado em livro pela Marca de Fantasia. Interessame estudar sobre os quadrinhos underground, as editoras independentes e retomar a história dos quadrinhos paraibanos.

E: Sua experiência como editor tem pesado nisto?

HM: Sim, claro. Como editor tenho tido acesso a textos excelentes, que me motivam a avançar nas pesquisas.

E: E a Gibiteca? Qual sua intencionalidade ao fundá-la? Como está hoje?

HM: A Gibiteca Henfil foi fundada em 1990, como mais um projeto de extensão do Departamento de Comunicação, no qual eu trabalhava. Hoje estou ligado ao Departamento de Mídias Digitais e ao Mestrado em Comunicação da UFPB. A motivação para criar a Gibiteca Henfil foi socializar minha coleção de quadrinhos, que já não cabia nas caixas embaixo da cama. Com o intenso intercâmbio de fanzines na década de 1980, cada vez aumentava mais meu acervo e resolvi torná-lo público, como uma atividade pedagógica. Por muitos anos ela funcionou no Espaço Cultural José Lins do Rego, o principal centro cultural do estado, mas, paradoxalmente, sempre com o descaso que a esfera pública paraibana dá à cultura. No início dos anos 2000 resolvi transferi-la para a Universidade, onde estaria mais próxima dos alunos de Comunicação Social e poderia ser fonte para pesquisa. Atualmente estamos procurando reestruturá-la, integrando-a ao Mestrado em Comunicação. (Nota do editor: em 2015, finalmente a Gibiteca Henfil voltou ao Espaço Cultural, administrada por essa fundação e pela Associação Marca de Fantasia).

V. Uma avaliação de Henrique Magalhães sobre as contribuições da sua ação como editor, desenhista, professor e pesquisador

E: Você já percorreu um bom caminho em todos estes aspectos (editoria, desenho, docência, pesquisa). Ainda há muito por fazer, certamente. Mas, o que você considera ser uma contribuição que você já deu... à cultura brasileira, aos artistas, aos leitores?

HM: Sinto que fiz pouca coisa e que há muito por fazer. Não considero minhas atividades excepcionais, o que faço é absolutamente acessível a qualquer um que queira desenvolver um projeto com ideias claras e objetividade.

E: Que projetos importantes você ainda sonha?

HM: Queria ter uma ação mais coletiva, ter a capacidade de compartilhar os sonhos. Lamento que meu trabalho seja tão individual e que talvez se finde comigo. Meu sonho é fazer grupos, com relações horizontais de trocas e descobertas.

E: *Vale a pena sua entrega apaixonada ao trabalho? Por que?*

HM: É o que me torna vivo.

Elydio dos Santos Neto

graduou-se em Filosofia e Pedagogia pelas Faculdades Salesianas de Lorena (1982); Mestre em Ciências da Religião pela PUC-SP (1993) e Doutor em Educação (Supervisão e Currículo) também pela PUC-SP (1998). Realizou estudos

de Pós-Doutorado no Instituto de Artes da UNESP, em São Paulo, tendo concluído e aprovada sua pesquisa, sobre histórias em quadrinhos poético-filosóficas, em 2010. Em 2011 tornou-se docente-pesquisador da Universidade Federal da Paraíba, no Centro de Educação, Departamento de Habilitações Pedagógicas, atuando também no Mestrado Profissional em Gestão de Organizações Aprendentes (MPGOA). Lançou vários livros e artigos acadêmicos. Organizou o livro “Histórias em Quadrinhos & Educação: Formação e Prática Docente” (Editora da UMESP, 2011); “Histórias em Quadrinhos e práticas educativas: o trabalho com universos ficcionais e fanzines” (2013), com Marta Regina Paulo da Silva. Pela Marca de Fantasia publicou “Os quadrinhos poético-filosóficos de Edgar Franco: textos, HQs e entrevistas” (2012) e “Os quadrinhos poético-filosóficos de Gazy Andraus: 25 anos de quadrinhos e fanzinato” (2013).



Autorretrato, 09/06/2011

HENRIQUE MAGALHÃES E A EDITORIA DE QUADRINHOS POÉTICO-FILOSÓFICOS

Elydio dos Santos Neto

Henrique Magalhães tem uma importância muito grande ao acolher, por meio da editora Marca de Fantasia, os artistas que criaram as histórias em quadrinhos poético-filosóficas possibilitando o primeiro reconhecimento, mais expressivo e de peso editorial, para aquela produção. Neste livro demonstramos como o desenhista, fanzineiro, professor e pesquisador, contribuiu para a construção de uma cultura com maior capacidade de resistência, liberdade e autonomia.



<https://www.marcadefantasia.com>